

O SENTIDO DO LUGAR NO CONTEXTO DA MOBILIDADE: DINÂMICAS ENTRE O RURAL E O URBANO

The sense of place in the context of mobility: dynamics between rural and urban

Jaqueline da Silva Teixeira¹

Andréa Maria Narciso Rocha de Paula²

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de realizar um estudo sobre as mobilidades, as migrações rurais e o sentido do lugar, buscando compreender as dinâmicas e vivências que permeiam as relações entre o rural e o urbano. Trata-se de uma revisão bibliográfica fundamentada em discussões e análises teóricas no campo da Geografia, Antropologia e Sociologia. Dentre os resultados, pontua-se que as abordagens sobre o meio rural e o meio urbano carecem de novas interpretações, pois são categorias interconectadas e a mobilidade precisa ser compreendida como parte das interfaces do processo do rural/urbano. Compreende-se as migrações como um processo de mobilidade espacial e social, muitas vezes ocorrendo como necessidade do núcleo familiar, fazendo parte também do modo de vida das pessoas, que entre idas e vindas mantém o sentido de pertencimento com o lugar de origem.

Palavras-chave: Rural. Urbano. Mobilidade. Lugar. Migrações.

ABSTRACT

This work aims to carry out a study on mobilities, rural migrations and the sense of place, seeking to understand the dynamics and experiences that permeate the relationship between rural and urban. This is a literature review based on theoretical discussions and analyzes in the field of Geography, Anthropology and Sociology. Among the results, it is pointed out that the approaches to rural and urban environments lack new interpretations, as they are interconnected categories and mobility needs to be understood as part of the interfaces of the rural/urban process. Migration is understood as a process of spatial and social mobility, often occurring as a necessity of the family nucleus, also being part of people's way of life, which between comings and goings maintains the sense of belonging to their place of origin.

Keywords: Rural. Urban. Mobility. Place. Migrations.

¹ Mestra em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (PPGDS/UNIMONTES). jaqueline8st@gmail.com.

✉ Fazenda Traçadal, Juramento, MG. 39590-000.

² Doutora em Geografia, Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS, Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Líder do grupo de pesquisa OPARA-MUTUM / Unimontes- CNPq. andrea.paula@unimontes.br.

✉ Av. Corinto Crisóstomo Freire, 600, Cond. Saint German, Bloco Boug., Apto.102, Morada do Parque, Montes Claros, MG. 39401-365.

Introdução

As categorias epistemológicas do rural e do urbano são entremeadas por distintas concepções, sendo que em sua maioria foram e ainda são marcados por uma visão dualista, que opõe tais campos de conhecimento, sem considerar as relações e a interdependência entre eles. De acordo com Marques (2002), há compreensões que encaram de forma dicotômica tais categorias, e há aquelas que as abordam na perspectiva de um *continuum*, no qual a urbanização é vista como uma forma de ultrapassar as “mazelas” do meio rural. Porém, há concepções que operam em outra lógica, considerando as dinâmicas do rural e do urbano enquanto espaços que possuem diálogos e interações, mas também singularidades e especificidades.

Segundo Gomes (2015), com o aumento da mobilidade socioespacial, há um intercâmbio entre os distintos modos de vida. Nessa abordagem, o urbano e o rural deixam de ser encarados como extremos, o que reforça a concepção de que não cabe uma visão dicotômica e nem uma perspectiva de urbanização como forma de progresso a que está subordinado o mundo rural. Urbano e rural possuem dinâmicas e redes de relações constantes que devem ser consideradas e compreendidas, inclusive no que diz respeito as concepções de desenvolvimento que atravessam tais categorias.

O mundo rural na perspectiva antropológica (WOORTMANN, 1988, 1990) possui um sistema cultural e modo de vida específico, onde o processo migratório é importante para a compreensão da interrelação entre os mundos: rural e urbano. Nesse contexto, as migrações rurais constituem um fenômeno pelo qual perpassam atores de diferentes gerações, movidos por distintas necessidades e motivações, sendo marcadas por processos históricos com fortes implicações nas relações entre campo e cidade. Rural e urbano e campo e cidade não são

sinônimos, mas tal questão não foi objeto de análise deste trabalho. Compreendemos para este trabalho campo e cidade, como categorias que representam o rural e o urbano, no contexto migratório, foco da nossa análise. A cidade é o simulacro da busca da melhoria de vida, é o lugar de busca de trabalho, e o campo é o lugar de vida, mas com condições desfavoráveis para a busca da reprodução financeira da família. Nesse contexto, migrar é uma possibilidade para sair do rural e ir para a cidade, mas a saída sempre na perspectiva do retorno ao lugar de vida, o rural.

Para Tuan (1980), há uma relação de intimidade entre o agricultor rural e a terra, existindo então uma integração e mistura de sentimentos. A migração já foi bastante analisada como fator que desagrega essa relação, mas outros estudos demonstram que a migração é também uma forma de reprodução da vida rural, pois muitos daqueles que saem, possibilitam a permanência de demais membros da família no lugar de origem e o próprio migrante faz da sua partida sempre uma possibilidade de retorno (PAULA, 2009). Diante disso, surgem indagações a respeito dos fatores que levam as pessoas a migrarem do rural. A mobilidade desfaz o sentido do lugar? Quais dinâmicas permeiam o rural e o urbano nesse processo? Como se dá a mobilidade entre tais categorias?

Compreendemos a mobilidade espacial e a migração como fenômenos distintos, concordando com Cunha (2011, p. 7), a mobilidade espacial é a “‘habilidade’ de mover-se no espaço, fenômeno que pode envolver não apenas a migração, considerada como mudança de lugar de residência, mas também os movimentos diários dos quais os mais conhecidos são os pendulares”. E a migração entendemos enquanto uma das formas de mobilidade espacial, de mover-se no espaço, Becker (1997, p. 323) define a migração como uma forma de “mobilidade espacial da população, sendo um mecanismo de

deslocamento populacional que reflete mudanças nas relações entre as pessoas e entre essas e o seu ambiente físico”.

Este estudo tem como caminho de pesquisa a análise bibliográfica que se baseia nas ideias apresentadas em obras já escritas sobre a temática em questão. Para tanto, foi realizada uma revisão com a consulta em livros, artigos, dissertações e teses referentes ao tema, sendo em sua maioria acessados em meios eletrônicos. A análise de textos da Geografia humanística, da Geografia fenomenológica e da Antropologia cultural foram a base teórica para a discussão das categorias rural, urbano, migração e lugar.

DINÂMICAS ENTRE RURAL E URBANO

Autores como Marques (2002), Abramovay (2000) e Williams (2011) refletem criticamente sobre as concepções que ligam o campo ao passado, uma concepção ligada ao atrasado, sem desenvolvimento e não dinâmico e a cidade enquanto futuro de possibilidade e dinamicidade. De acordo com Abramovay (2000), essa oposição pode impedir o acesso às novas dinâmicas que permeiam essas relações.

Para Marques (2002), algumas definições encaram o rural e o urbano como um *continuum*, comparando-os, e considerando apenas os aspectos que estão presentes no urbano e que faltariam ao rural, desconsiderando, portanto, as potencialidades e peculiaridades do rural. Um *continuum* onde o urbano abarcaria o rural que tenderia a desaparecer enquanto modo de vida próprio. Essa forma de compreensão vai ao encontro daquilo que foi pontuado por Abramovay (2000), colocando o rural como modo de vida a ser ultrapassado pelos processos de urbanização, o que o insere numa posição de atraso e decadência em relação ao urbano. Tal perspectiva, de acordo com os autores estudados, é equivocada, rural e urbano se relacionam constantemente, e ambos conferem importância a tal dinâmica.

Outra abordagem diz respeito a perspectiva dicotômica. De acordo com Marques (2002), essa abordagem dá margem tanto para uma caracterização que inferioriza o rural, colocando-o como sinônimo de atraso; quanto para uma romantização de tal espaço, como oposição ao artificialismo das cidades. Trata-se de uma perspectiva que os coloca como extremos e desconsidera o dinamismo que os permeia.

Dentro dessas idealizações da abordagem dicotômica, Williams (2011) chama atenção para distintas concepções que já atravessaram essas noções, tanto positivas, ligando o campo ao ambiente natural e as cidades as realizações humanas; quanto negativas, ligando as cidades as ambições, e o campo a ignorância. O autor aponta, porém, que ao longo da história, cidade e campo apareceram sob as mais distintas formas, e que existem vários campos e cidades, portanto a análise necessita perpassar a pluralidade e os sentidos para a compreensão dos dois mundos. “[...] A vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e ideias, através de uma rede de relacionamentos e decisões” (WILLIAMS, 2011, p. 21).

As abordagens dicotômicas e de *continuum* são decorrentes do desenvolvimento do modo de produção capitalista, de acordo com Marques (2002) são necessários novos modelos de desenvolvimento, que sejam pensados não só para o rural, mas também para as cidades, já que em ambos os espaços a classe trabalhadora se vê diante de condições instáveis, o que ocasiona inclusive seu constante deslocamento em busca de melhorias. São necessárias perspectivas de desenvolvimento que sejam construídas, a partir da realidade e saberes locais, considerando as dinâmicas do território em questão, e compreendendo que o rural também engloba as relações estabelecidas continuamente com o urbano. Abramovay (2000) avalia que não se deve levar em consideração apenas os aspectos relacionados aos

O sentido do lugar no contexto da mobilidade: dinâmicas entre o rural e o urbano

Jaqueline da Silva Teixeira, Andréa Maria Narciso Rocha de Paula

sistemas de produção, pois o rural não envolve apenas setores agrícolas, sendo também constituído por outras atividades. A pluriatividade no meio rural tem sido uma característica que tem proporcionado a permanência das famílias rurais.

A dinâmica das atividades rurais, bem como das atividades urbanas, é modificada através do modo de produção, das especificidades, das necessidades de cada lugar e dos seus habitantes. Habitamos e transformamos lugares, e nessa transformação entre rural e urbano, as dinâmicas entre e com os dois mundos, promovem mudanças e permanências. Os deslocamentos das pessoas entre campo-cidade e cidade e campo provocam dinamicidades nos modos de viver que afetam, parafraseando Willians (2011), os campos e as cidades. Transformando espaços, lugares, pessoas e modificando os modos de vida na cidade e no campo. A racionalidade baseada no capital, transforma o mundo rural em espaço de negócios e plantação.

O agronegócio se apropria dos espaços do trabalho à produção, alterando as paisagens, os lugares e os territórios de vida, expropriando as famílias camponesas, desmatando e transformando florestas em pastos, provocando a expulsão dos povos rurais. O mundo rural na emergência dos tempos, dominado por essa racionalidade, transforma os lugares sagrados, os lugares de produção, os lugares de família, a terra de produção, a terra de valor, em terra de mercadoria. Mas existe também resistência, os povos originários, povos tradicionais, povos do lugar, resistem na percepção do rural:

A terra é o lugar de produção e reprodução da vida e, mesmo quando os camponeses migram, é a terra símbolo da manifestação do tempo passado – pois é na terra da comunidade que estão enterrados os mortos das famílias – manifestação do tempo presente – é na terra que estão as plantações dos alimentos que são consumidos pela família. – Manifestação e desejo do tempo imaginário. É na terra que concentram os sonhos e devaneios

que movem as pessoas e fazem germinar os sinais de esperança em se perpetuar uma identidade e uma vida rural (PAULA, 2009, 291).

É necessário que estudemos a complexidade da mobilidade das pessoas, entre elas a migração do rural para o urbano como forma de resistência na reprodução da vida rural e como forma de expropriação e expulsão dos habitantes rurais das novas dinâmicas no sistema de produção.

MOBILIDADE E SENTIDO DO LUGAR: MUITO ALÉM DE UM DESLOCAR-SE

Mobilidade e Migrações Rurais

A mobilidade é um fenômeno relacionado a reprodução da vida, as pessoas partem e chegam na esperança de oportunidades de vida, que não encontram nos lugares de origem. Na mobilidade espacial, a migração torna-se um fenômeno presente na vida das famílias rurais camponesas, famílias que possuem pequenas quantidades de terras e uma diversidade de plantios e cultivos se veem ameaçadas e mesmo cercadas por grandes empreendimentos de agronegócios, de agroindústrias, de reflorestamentos e de pecuária. (PAULA, 2009). Para Marques (2002, p. 97), tem-se tornado mais comum “a migração entre os pequenos municípios rurais e o movimento cidade-campo”, ao contrário do que ocorreu na segunda metade do século passado, que promoveu um processo acelerado de urbanização. Mas o movimento cidade-campo tem sido realizado por habitantes das cidades que se deslocam para o trabalho no campo ou famílias que procuram atividades turísticas ou os novos condomínios rurais de moradia de final de semana. A migração entre os pequenos municípios está vinculada

O sentido do lugar no contexto da mobilidade: dinâmicas entre o rural e o urbano

Jaqueline da Silva Teixeira, Andréa Maria Narciso Rocha de Paula

aos trabalhadores rurais que se deslocam para atividades agrícolas em outras propriedades rurais ou nas sedes dos municípios.

Trata-se então de um processo que envolve não só desejos, mas também necessidades, trabalhos como o de Costa e Ralisch (2013) mostram que a migração do rural nem sempre é uma vontade do migrante, sendo muitas vezes uma necessidade, que envolve condições de vida (tanto econômicas, quanto as condições de trabalho), falta de políticas públicas e uma invisibilidade sentida diante das decisões comunitárias e familiares (no caso dos jovens), fatores que, apesar do desejo de continuarem com as atividades rurais, deixa-os sem perspectivas.

De acordo com Spanevello et al. (2011) o processo sucessório e as relações comunitárias tendem a ficar prejudicados com a saída do rural; o fato de um maior número de pessoas do sexo feminino migrarem também dificulta a formação de novas estruturas familiares no rural, o que diminui ainda mais essa população, dificultando o processo sucessório.

Ferrari et al. (2004) analisando pesquisas entre os anos de 1998 e 2001, demonstram uma proporção maior de migração em relação ao sexo feminino. Dentre as dificuldades apontadas nas entrevistas aparece a carga de trabalho, que tende a ser muito pesada e desgastante; outro fator se refere a capitalização: segundo os autores, jovens de propriedades descapitalizadas apresentam uma maior perspectiva de migração do que aqueles com propriedades capitalizadas; desse modo, a pesquisa indica a formação educacional e a renda decorrente da atividade rural como fatores que podem estar relacionados com a perspectiva profissional dos jovens, influenciando suas decisões em relação a uma possível migração.

Camarano e Abramovay (1999), na década de noventa (século XX), já demonstravam que havia no país um envelhecimento e masculinização

da população rural em algumas regiões, o que levava a um processo de esvaziamento do campo, os dados de tal publicação já apresentavam uma saída dos jovens do meio rural, saída essa que diferenciava em proporções com relação ao sexo (mulheres migravam mais), e com relação a região do país. Os autores abordam a necessidade de problematizar a ideia de fixação do homem no rural, pois o contato entre rural e urbano está cada vez mais constante, diante dessa situação, é necessário compreender como ocorre esse contato, e quais os impactos que ele exerce no modo de vida dos povos rurais.

A consequente diminuição de práticas como a da agricultura familiar, constitui um fenômeno social com dimensões maiores do que somente aquelas envolvidas nas escolhas individuais. Compreender as demais dimensões enlaçadas nesse processo, possibilita entender a participação de cada ator e agência social (BOURDIEU, 1996), para a atuação dos agentes sociais na problematização de novas possibilidades frente a esse fenômeno, para que aqueles que desejam continuar junto ao rural possam ter essa alternativa no seu horizonte de escolhas, permitindo que o ato de ficar seja também uma escolha.

Trabalhos como o de Costa e Ralisch (2013), demonstram que migrar pode ser necessário, pois há por exemplo, algumas propriedades que pelo tamanho, não tem proporções para serem divididas entre todos os filhos. Compreende-se então que alguns migram para que outros tenham acesso a possibilidade de permanecer. Mas esses deslocamentos, embora por vezes motivados pela necessidade, não deixam de ter consequências que abalam o ser. De acordo com Marandola Jr. (2011) o aumento da distância, a grande mobilidade atual, e o esse excesso de referências, podem levar a perda da proteção da comunidade, do lar, e uma possível fragmentação do indivíduo. Marandola Jr. e Dal Gallo (2010), ao discorrerem sobre as implicações existenciais da migração, corroboram justamente a sensação de perda

O sentido do lugar no contexto da mobilidade: dinâmicas entre o rural e o urbano

Jaqueline da Silva Teixeira, Andréa Maria Narciso Rocha de Paula

dessa proteção (que era proporcionada pela casa natal), o que leva a medos e incertezas que afetam a segurança existencial do indivíduo nesse processo.

Para os autores, assim como é apontado pelos teóricos Bachelard (1978) e Tuan (1980; 1983), o lugar possui aspectos valorativos e é parte essencial da existência humana, disso decorre a importância das estratégias usadas para lidar com essas sensações trazidas pelo processo de migrar. Essa situação de perda da proteção, ou desenraizamento, muitas vezes é manejada através de algumas estratégias, seja por meio de redes sociais, ou mesmo modos de deslocamentos mais constantes, que permitem que o indivíduo continue em contato com sua terra natal:

Por outro lado, se antes mudar-se significava distanciamento absoluto, hoje migrantes regionais ou até internacionais conseguem manter vívidos os laços com a terra natal, ficando, em muitos casos, integrado existencialmente a ele e apenas funcionalmente ligados ao lugar de moradia atual. As melhorias tanto nos sistemas de transporte (malhas aérea e rodoviária) quanto de comunicação (telefonia e Internet) possibilitam esta vivência deslocada do lugar: à distância (MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2010, p. 417).

Essa “vivência deslocada do lugar”, constrói entre os que partem e os que ficam, percepções de estarem entre dois mundos: a cidade, enquanto lugar de trabalho e o rural, o lugar de vida e onde estão os entes queridos. A memória do vivido e o presente do que se vive, permeiam as relações de trabalho e o enfrentamento muitas vezes de condições indignas de vida para que a possibilidade do retorno, mesmo que temporário, seja realizado. A integração existencial, proposta pelos autores Marandola Jr. e Dal Gallo (2010), é observada no aumento das migrações temporárias, e nos retornos constantes a casa natal.

Na perspectiva da mobilidade e sua relação com questões estruturais (concentração de terras, falta de políticas públicas para pequenos agricultores) e não somente de escolha individual, os autores Galizoni e Ribeiro (2019, p. 2), refletem que: “a mobilidade sempre fez parte da trajetória da população rural brasileira, principalmente de agricultores familiares”. E no sertão (considerado aqui também a região do norte de Minas Gerais) não poderia ser diferente, os deslocamentos também embalam a história do povo sertanejo. De acordo com Paula (2009, p. 317) “o viver sertanejo é um contínuo estar e ir”. A mobilidade faz parte de um modo de vida, pois “sempre estamos indo ou vindo de algum lugar em algum tempo” (PAULA, 2009, p. 23). Portanto, os autores, nas diversas dimensões analisadas percorrem o viver do migrante entre partidas e chegadas, sendo que entre gerações de uma mesma família, o processo migratório se mantém, seja na percepção da melhoria da vida, seja na percepção da reprodução imediata das necessidades básicas de sobrevivência.

A mobilidade passa a fazer parte da vida das pessoas, portanto as migrações, sejam elas temporárias ou não, também adentram cada vez mais os modos de vida, ainda que assumindo novas formas: “[...] a incerteza, uma marca de qualquer vida migrante, é a marca de nossa época, e por isso ser migrante é a experiência de nosso tempo [...]”. (MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2010, p. 419) Portanto, os estudos sobre mobilidades e migrações tornam-se mais necessários, já que “[...] uma constelação de motivos, densidades, direções, temporalidades e espacialidades configura as migrações e as mobilidades contemporâneas, tornando necessário um esforço interdisciplinar para acompanhar estas mutações [...]” (MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2010, p. 419).

Mover-se, deslocar-se, migrar, muitos são os termos, os sentidos e as mudanças. Mas depreende-se disso que a concepção de migração

O sentido do lugar no contexto da mobilidade: dinâmicas entre o rural e o urbano

Jaqueline da Silva Teixeira, Andréa Maria Narciso Rocha de Paula

envolve distintas dinâmicas e modos de vida. O lugar de vida, o lugar de origem, as vezes o lugar de chegada, tornando-se o lugar de vida, provocam sentidos que enraízam ou desenraizam o migrante, pois o sentido do lugar está também enlaçado pelas relações que são estabelecidas neste e em suas relações com os distintos lugares que compõe a rede migratória. Rede migratória que tem como características sociabilidade, solidariedade, sentidos e formas peculiares entre os seus membros desde a organização da saída para a migração até a recepção, chegada dos migrantes nos lugares de destino e a formação dos lugares de pertencimento (PAULA, 2009; TEIXEIRA, 2020; SOUZA, 2020).

O sentido do lugar

O lugar, categoria de destaque na geografia humanista, e entre outros saberes, é tema essencial nessa análise. Década de setenta do século XX, a geografia humanista surge como crítica ao positivismo e neopositivismo predominantes na área, com bases fenomenológicas e existenciais a fim de estudar as relações entre homem e mundo:

A geografia foi concebida desde suas origens como o estudo de lugares e regiões e, embora nunca tenha ficado claro o que isso significava, era mais bem subentendida do que evidentemente ciência espacial. A defesa do lugar na geografia nos anos de 1970 e 1980 foi inicialmente uma alternativa para o achatamento da disciplina. Os cientistas espaciais haviam justificado sua abordagem apelando para a autoridade dos filósofos da ciência. Uma vez que lugar é o fenômeno da experiência, era apropriado que ele fosse explicado por meio de uma rigorosa abordagem fenomenológica que havia sido desenvolvida por Husserl e Heidegger. Uma abordagem que fundamenta o trabalho de Yi-Fu Tuan, David Seamon, Anne Buttimer, o meu próprio e de outros. Essa perspectiva passou a ser chamada de geografia humanista. (RELPH, 2014, p. 19-20).

Ao escrever “*Humanistic Geographmy*” em 1976, que é um marco para o movimento da geografia humanista segundo Holzer (1997), Tuan indica inclusive os temas de interesse da geografia humanista, dentre eles, o território e o lugar. Com seus escritos, Buttimer aborda também as orientações fenomenológico-existenciais para a geografia, trabalhando inclusive com a noção de mundo vivido. Segundo Brum (2017), a noção de mundo vivido foi importada do método fenomenológico, servindo inclusive para trazer novos delineamentos ao termo lugar.

De acordo com Nogueira (2005), Merleau-Ponty usava o termo “mundo vivido” para se referir a lugar, inspirando inclusive os escritos de Eric Dardel, que já diziam da importância existencial do lugar:

Antes de mais nada, há esse “lugar” que não escolhemos, onde as bases de nossa experiência mundana e de nossa condição humana se estabelece. Nós podemos trocar lugar, mudar, mas isso é ainda a procura de um lugar, precisamos de uma base para estabelecer nossa existência e realizar nossas possibilidades um aqui a partir do que descobrir o mundo, um acolá para o qual ir (DARDEL, 1990, p. 56 apud NOGUEIRA, 2005, p. 225).

Os estudos sobre lugar vão ganhando mais espaço com o movimento da geografia humanista, que encontra amparo também nos estudos da geografia cultural. De acordo com Holzer (1997), na década de 80 (século XX), para além dos geógrafos culturais e históricos norteamericanos, ela conquista novos adeptos em suas discussões, o que contribui até mesmo para que seus teóricos problematizassem algumas questões, como por exemplo, o paradigma humanista, que para Relph era algo incoerente, já que o humanismo por si só era “anti-paradigmático”. Essas e outras questões levaram a um afastamento de alguns membros do movimento, de Edward Relph inclusive, o que não diminui a importância de suas contribuições.

O sentido do lugar no contexto da mobilidade: dinâmicas entre o rural e o urbano

Jaqueline da Silva Teixeira, Andréa Maria Narciso Rocha de Paula

Embora com algumas fragmentações, os trabalhos da geografia humanista prosseguiram, com os estudos de Tuan por exemplo, que segundo Holzer (1997) oferecia continuidade na construção desse movimento, preocupando-se bem mais com seus estudos e contribuições do que com uma definição ou construção de paradigma. Como é apontado por Buttner (apud HOLZER, 1997, p. 17):

Como a fênix, então, a perspectiva humanista na geografia deveria recusar-se a ser delimitada, nomeada ou apropriada por estruturas faustianas. Ela pode inspirar os praticantes da geografia física, econômica, cultural ou social, e deveria, talvez, deixar de investir muita energia na afirmação de seu direito de ser um ramo especial do campo de conhecimento.

Mas, o que dizem então os autores sobre o lugar? Apesar dos inúmeros significados do termo, sendo o de localização um dos principais, um dos sentidos aqui adotado, diz respeito a concepção de “tempo lugarizado” (OLIVEIRA, 2014, p. 5), o que rompe até mesmo com algumas ideias sobre lugar, que desconsideravam seu dinamismo. Buttner (2015, p. 6) aborda que “existem muitas dimensões de significados atribuídos ao lugar: simbólico, emocional, cultural, político e biológico” e que além disso existem as “associações pessoais e sociais com redes baseadas nos lugares de interação e ligação”.

De acordo com Relph (2014) é importante distinguir lugar e lugares, pois quando se fala que a geografia estuda os lugares, isso implica na abordagem que os considera como distintas localizações, já quando se diz que ela estuda o lugar, o foco está no modo como as pessoas interagem com o mundo. O autor inclusive cita alguns características e tópicos essenciais sobre o lugar: o lugar como reunião, que abarca experiências singulares; o lugar como localização, embora não seja a mais importante; fisionomia de lugar, que envolve a aparência e a forma; espírito de lugar, que implica a força, harmonia,

e excepcionalidade de determinados lugares; sentido de lugar, que envolve a valorização de lugares; raízes e enraizamento; interioridade; lar; lugar-sem-lugaridade; exclusão/inclusão; sentido contaminado de lugar; construção de lugar; e a fabricação de lugar. Com esses tópicos, Relph aborda a romantização em torno da concepção de lugar, e aborda a necessidade de compreendê-lo criticamente. Chamando atenção para o quanto as diferentes épocas influem em formas distintas de experienciar o lugar, sendo que este pode inclusive transcender alguns limites definidos, através das tecnologias presentes.

A singularidade dessas experiências de lugar, demonstra o significado do lugar como uma experiência no cotidiano, no fazer, mas, que provoca reações no mundo:

Lugar não é meramente aquilo que possui raízes, conhecer e ser conhecido no bairro, não é apenas a distinção e apreciação de fragmentos de geografia. O núcleo do significado de lugar se estende, penso eu, em suas ligações inextricáveis com o ser, com a nossa própria existência. Lugar é um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco. O que acontece aqui, neste lugar, é parte de um processo em que o mundo inteiro está de alguma forma implicado. Isso é muito existencial e ontológico. Mas é também econômico e social [...] (RELPH, 2014, p. 31).

Portanto, longe das noções de localização, imobilidade e outras mais que já foram alvo de críticas, lugar contempla também toda uma conjuntura de mudanças no âmbito da mobilidade e das comunicações, acompanhando os nuances temporais. Afinal, se lugar e ser estão tão enlaçados no que tange a existência, o lugar acompanha as modificações do contexto de vida do ser. E considerar o dinamismo de lugar é fundamental para que este acompanhe as transformações atuais:

O sentido do lugar no contexto da mobilidade: dinâmicas entre o rural e o urbano

Jaqueline da Silva Teixeira, Andréa Maria Narciso Rocha de Paula

Entendido em sua dimensão ontológica, supera os diferentes contextos históricos, transformando-se à medida que se mantém em dia com cada temporalidade. Referindo-se à própria forma de ser-e-estar-no-mundo, lugar é inalienável e, portanto, permanece como fundante da nossa experiência contemporânea, independente das transformações socioespaciais. Longe de ser estático, ele é dinâmico, pois corresponde à própria essência do ser, que é igualmente viva (MARANDOLA JR., 2014, p. 230).

Apesar da consideração desse dinamismo, e de uma concepção para além da noção do criar raízes, alguns autores estabelecem ligações entre lugar e lar. Relph (2014, p. 29) por exemplo, diz que em sua obra *“Place and Placelessness”*, que o lar seria a “essência de lugar”, sendo esta uma experiência que serviria de base para todas as outras. Mello (2014) ao estabelecer algumas ligações entre o lugar e o lar, diz desse lugar de segurança, a casa, o lar, e citando Bachelard, aponta os aspectos simbólicos desse ninho, refúgio inicial. De fato, Bachelard (1978, p. 264) estabelece algumas ligações entre a casa e o ninho, lugares envoltos por devaneios de intimidade e proteção:

Nossa casa, compreendida em seu poder onírico, é um ninho no mundo. Viveremos dentro dela com uma confiança inata, tão verdadeiramente participamos, em nossos sonhos, da segurança de nossa primeira morada. Para viver essa confiança tão profundamente registrada em nosso sono, não temos necessidade de enumerar as razões materiais da confiança. Tanto o ninho quanto a casa onírica e tanto a casa onírica quanto o ninho – se é que estamos na origem de nossos sonhos – não conhecem a hostilidade do mundo.

Para o autor, as primeiras moradias guardam lembranças que remetem a infância, guardando valores e sonhos inestimáveis. A moradia oriunda é o universo inicial a ser ocupado, como um primeiro lugar na terra, trata-se segundo ele de um espaço que inspira e traz a

sensação de proteção e segurança, antes do homem ser lançado no mundo:

A casa-ninho nunca é nova. Poder-se-ia dizer, de uma maneira pedante, que ela é o lugar natural da função de habitar. A ela se volta, ou se sonha voltar, como o pássaro volta ao ninho, como o cordeiro volta ao aprisco. Este signo do retorno marca infinitos devaneios, pois os retornos humanos se fazem sobre o grande ritmo da vida humana, ritmo que atravessa os anos, que luta contra todas as ausências através do sonho. Sobre as imagens aproximadas do ninho e da casa repercute um componente de íntima fidelidade (BACHELARD, 1978, p. 262).

De acordo com Bachelard (1978, p. 202) de alguma forma, “o espaço retém o tempo comprimido”, daí as lembranças e sensações que a casa natal e seus pequenos espaços proporcionam. Ainda que o acesso a esse espaço tão significativo não seja possível, seus sentidos e recordações ainda confortam. O habitar a casa-ninho revela a dimensão do retorno da migração, ao lugar, sendo necessário compreender a distinção entre o espaço e o lugar.

Tuan (1983), ao buscar distinções entre espaço e lugar, salienta que enquanto o espaço não recebe tantas distinções, o lugar envolve aspectos valorativos em sua concepção. O autor pontua também, que “lugar é pausa”, já o espaço envolve movimento, liberdade (TUAN, 1983, p. 6). Compreende-se então que, à medida que é valorizado e ganha sentido, o espaço transforma-se em lugar. E até mesmo o ciclo de vida do indivíduo influencia nessa relação, uma criança e um adulto experienciam o tempo de formas diferentes, e isso afeta a percepção que ambos têm em relação ao lugar, já que “a sensação de tempo afeta a sensação de lugar” (TUAN, 1983, p. 206).

Ainda no que tange a temporalidade, o autor diz que sentir o lugar demanda tempo:

O sentido do lugar no contexto da mobilidade: dinâmicas entre o rural e o urbano

Jaqueline da Silva Teixeira, Andréa Maria Narciso Rocha de Paula

[...] se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através de anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos [...] (TUAN, 1983, p. 203).

A intensidade da experiência com o lugar é mais importante do que o tempo em se vive nesse. De acordo com o autor, essa relação pode envolver inclusive sentimentos contraditórios, é o que também sugere Oliveira (2014, p. 12), quando diz que “conhecer um lugar é desenvolver um sentimento topofílico ou topofóbico”, o que fica então, é a construção de um significado, de um sentido, que são construídos nessa ligação com o lugar. Envolvendo curtos ou longos períodos de experiência, sentimentos contraditórios ou não, a relação com o lugar perpassa o âmbito dos sentimentos.

Na perspectiva do mundo rural, Tuan (1980) diz de uma relação em que a terra é tida não só como recurso material, econômico, mas também como fonte de lembranças e expectativas, sendo a vida do agricultor muito ligada ao ritmo da natureza. Porém, é necessário saber mais sobre essa relação, já que muitas observações tendem a romantizá-la, deixando a desejar por serem em grande parte escritas “por pessoas com mão sem calosidade” (TUAN, 1980, p. 113).

Williams (2011) também aborda os sentimentos provocados pelo campo, inclusive em relação as memórias da infância, mas traz também as memórias que são construídas nas cidades, trazendo a ideia de que tanto o rural quanto o urbano abrigam memórias e sentidos que se manifestam como resistências. Tais sentimentos se relacionam também a um passado que, segundo Tuan (1980), é peça importante no que se refere a afeição por determinado lugar, que é também espaço de histórias, sendo parte de uma construção familiar. A terra natal é então bem mais que uma paisagem com características estéticas, é fonte de memórias (WILLIAMS, 2011).

Pode-se compreender o sentido do lugar como um processo de envolvimento, ser e lugar, como uma coexistência. De acordo com Dal Gallo (2010, p. 42), ele se forma como um processo, pois

[...] o sentido do lugar só emerge, se nos envolvemos com ele, se o exploramos via experiência e o tornamos parte do desenvolvimento de nosso próprio ser. Em outras palavras, o ser requer os lugares para ser ele mesmo o mesmo.

Pode-se dizer ainda que é no lugar que as possibilidades de existência se apresentam para o ser:

O pensar ontológico nunca foi mais necessário, por isso tantos recorrem atualmente a Heidegger para buscar respostas aos problemas da sociedade contemporânea. Os valores humanistas também nunca foram tão necessários frente a um mundo desumano e pernicioso. O lugar, em seus vários espaços e sentidos, é uma ideia-chave para enfrentar os desafios cotidianos. É no lugar que os problemas nos atingem de forma mais dolorida, e é também nele que podemos melhor nos fortalecer (MARANDOLA JR., 2014, p. XVII).

As dimensões do lugar auxiliam a discussão sobre a mobilidade, no lugar de origem o migrante sente pertencimento e afeto, no lugar de destino procura encontrar a reprodução econômica que possibilite o retorno ao lar, aos sentidos de casa, nesse trânsito entre ser e estar, novos lugares se apresentam e possibilitam novos pertencimentos ou a necessidade da defesa do lugar.

O sentido do lugar no contexto da mobilidade

Muitas concepções trabalham o sentido do lugar se referindo as moradias iniciais, a terra natal. Alguns autores incorporam outros lugares, como também a própria mobilidade nessa discussão. Afinal,

O sentido do lugar no contexto da mobilidade: dinâmicas entre o rural e o urbano

Jaqueline da Silva Teixeira, Andréa Maria Narciso Rocha de Paula

o sentido do lugar permanece em meio a mobilidade? Estaria o “movimento” atrelado somente ao espaço? Haveria lugar para a mobilidade na construção do sentido do lugar?

Essas e outras questões acompanham o ritmo desenfreado dos deslocamentos atuais, o caminho, a estrada, o ir e vir, as possibilidades são inúmeras, mas o sentido do lugar não pode estar restrito somente ao ninho e deve contemplar a construção de novos sentidos. Talvez o caminho se torne o lugar, o próprio Relph (2014, p. 311, destaques acrescentados) diz de sua experiência de lugar, que transcende o local:

[...] estou em um café numa rua de Seattle, longe de minha casa em Toronto, bebendo um café de El Salvador feito em uma máquina italiana, escrevendo um artigo para ser publicado no Brasil e ocasionalmente lendo e-mails de amigos de cidades distantes. Minha experiência de lugar é ao mesmo tempo intensamente local e sem limites por meio das tecnologias modernas. **É difícil sustentar que isso só diminui ao invés de aumentar minha experiência de lugar** [...] Como o caráter dos desafios e das tecnologias muda, as formas de pensar lugar e habitar também precisam mudar.

Embora haja uma ampliação de horizontes, o sentido do lugar não se dissolve, novos obstáculos podem surgir, porém, encarar a mobilidade como o avesso de lugar não é a resolução. Se o sentido do lugar fica restrito a imobilidade, ele não acompanha as mudanças que o ser vivencia, lugar, ser e tempo são intrínsecos, condições da existência, o movimento perpassa ambos.

Segundo Brum (2017), a mobilidade está além de um simples deslocamento, sendo também uma prática social, que se realiza num “espaço-tempo-social”, envolvendo movimento, diversos significados e uma prática social e corporal, trata-se então de um modo de estar no mundo. Prosseguindo, o autor salienta que embora lugar tenha sido por vezes concebido como algo estático (nesse sentido cita trabalhos

como o de Tuan, no qual a mobilidade seria obstáculo a construção do sentido de lugar), ele “acredita na possibilidade de pensar a mobilidade como um elemento indispensável na prática, experiência e vivência de lugar” (BRUM, 2017, p. 111).

Nesse argumento, o autor cita novamente Tuan, em suas concepções de lugar como pausa, e aponta os equívocos que muitos tiveram ao considerar pausa apenas pelo viés cronológico, o que implicaria numa desconsideração do dinamismo de lugar. A pausa acontece também no movimento e a vinculação com o lugar, acontece então em um tempo próprio do ser. Quarto, casa, bairro, comunidade, pátria, caminhos, o lugar não é medido com fita métrica, sendo assim, o próprio caminho percorrido no cotidiano pode ganhar “contornos de lugar” (BRUM, 2017, p. 113). A intimidade com o percurso cria seu sentido, e aos poucos o que era estranho, nocivo, ganha também ares de lugar, de um reconhecer-se como ser que se desloca.

E nesse movimento, em que o ser se projeta no mundo, levando consigo também seu ninho, sua casa natal, por vezes acontece a vinculação a novos lugares, através do envolvimento, já que “[...] habitar é envolver-se e o que era topofóbico pelo desconhecimento pode tornar-se afetivo e delimitar uma nova casa” (MARANDOLA JR., 2008, p. 234).

Ao habitar a cidade, o migrante provoca transformações no ser e estar nos lugares. No experimentar o lugar no cotidiano, os migrantes buscam o sentido do lugar. A dimensão de habitar e transformar o lugar em lar move os migrantes, ou sonham retornar aos seus lugares de vida e de origem, ou sonham que os demais membros da família migrem também para a cidade. A busca do sentido do lugar, de afeto, de trabalho, de lar, de reprodução da vida, move homens e mulheres em suas mobilidades, na busca pelo habitar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre rural e urbano envolve movimento, não podendo ser analisada através de uma abordagem linear, dicotômica, de *continuum*. Portanto, a concepção de mobilidade espacial é fundamental para a compreensão da dinâmica desses dois mundos. Mundos singulares e relacionais, onde o trânsito entre os habitantes revela novas mobilidades e relações, que necessitam de análises para a compreensão do sentido do lugar.

Sentidos que abarcam a compreensão do lugar, conforme a intensidade estabelecida com o meio em que se vive. Sentidos que envolvem o processomigratório não como um fato independente, mas como parte integrante de formas específicas da organização camponesa. A migração, não como fato isolado, uma decisão individual ou familiar, mas como parte da organização da ordem rural e social que mobiliza as dimensões das relações entre a cidade e campo.

A mobilidade, não dissolve o sentido do lugar, entre sair, chegar, permanecer ou retornar, vínculos de afeto e de produção são mantidos, novos vínculos com pessoas e lugares são construídos. Mas torna-se necessário ir além dessas possibilidades, e analisar também os efeitos da migração, ainda que seja parte de um modo de vida e que as estratégias sejam construídas, não se pode deixar de considerar as angústias e questões que a distância provoca.

Ao sair do seu lugar de vida, muitos migrantes se veem sempre em travessia, chegando e saindo dos lugares, o que provoca sentimentos de ausência e de procura constante. Ao fixarem-se em periferias das grandes cidades, muitos migrantes rurais reproduzem sentimentos de sociabilidade e solidariedade nas também chamadas comunidades. Aos retornarem aos lugares de origem por intervalos, “pausas”, buscam ressignificar esse lugar. Portanto na mobilidade, no ir e vir,

são transformados os mundos do rural e do urbano e nesse transitar constroem-se novas formas de pertencimentos. Seja no lugar de origem, quando muitos retornam apenas para uma estadia de dias na festa da santa padroeira, seja no fixar na cidade, o sentido do lugar adquire significado e provoca sentimentos que permeiam a saudade, a ausência, o pertencimento, o desejo, o vir-a-ser, a necessidade de habitar.

A mobilidade, portanto, o mover-se no espaço, continua sendo a busca pela terra prometida. ☉

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BECKER, Olga Maria Schild. Mobilidade Espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Explorações Geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997. p. 319-367.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papirus, 1996.
- BRUM, Jean Lucas da Silva. Por uma interpretação humanista da relação entre lugar e mobilidade. **GEOUSP: Espaço e Tempo**, v. 21, n. 1, p. 102-119, 2017.
- BUTTNER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**, v. 5, n. 1, p. 4-19, 2015.
- CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos

O sentido do lugar no contexto da mobilidade: dinâmicas entre o rural e o urbano

Jaqueline da Silva Teixeira, Andréa Maria Narciso Rocha de Paula

50 anos. In: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Textos para discussão**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. p. 1-23.

COSTA, Fernando Luis Martins.; RALISCH, Ricardo. A juventude rural do assentamento Florestan Fernandes no município de Florestópolis (PR). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 51, n. 3, p. 415-432, 2013.

CUNHA, José Marcos Pinto da (Org.). Apresentação - Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo. In: CUNHA, José Marcos Pinto da. **Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp, 2011.p. 07-15.

DAL GALLO, Priscila M. A experiência de ser migrante: entre identidades e transitoriedades. 2010. 70p. **Monografia** (Bacharelado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

FERRARI, Dilvan Luiz; Milton Luiz Silvestro; MELLO, Márcio Antonio de; TESTA, MARCOS, Vilson; ABRAMOVAY, Ricardo. Dilemas e estratégias dos jovens rurais: ficar ou partir? **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 12, n. 2, p. 237-271, 2004.

GALIZONI, Flavia Maria; RIBEIRO, Eduardo Magalhães. Ouvindo silêncios: Daniel Hogan, o mundo rural e a natureza. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 36, p. 1-11, 2019.

GOMES, Nayhara Freitas Martins. A mobilidade socioespacial dos rurais e suas expressões citadinas: uma análise do município de Araponga, MG. 2015. 189 f. 2015. **Dissertação** (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2015.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e cultura**, n. 3, p. 8-19, 1997.

MARANDOLA JR., Eduardo; DAL GALLO, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista brasileira de estudos de População**, v. 27, n. 2, p. 407-424, 2010.

MARANDOLA JR., Eduardo. Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. 2008. 278p. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MARANDOLA JR., Eduardo. Mobilidades contemporâneas: distribuição espacial da população, vulnerabilidade e espaços de vida nas aglomerações urbanas. In: CUNHA, José Marcos Pinto da (Org.). **Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp, 2011. p. 95-115.

MARANDOLA JR., Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 227-247.

MARANDOLA JR., Eduardo. Sobre ontologias. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. XIII-XVII.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. O conceito de espaço rural em questão. **Revista Terra Livre**, v. 18, n. 19, p. 95-112, 2002.

MELLO, João Baptista Ferreira de. O triunfo do lugar sobre o espaço. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 33-68.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Uma interpretação fenomenológica na geografia. In: DANTAS, Aldo; GALEANO, Alex (Orgs.). **Geografia: ciência do complexus – ensaios transdisciplinares**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

OLIVEIRA, Lívia de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?**

O sentido do lugar no contexto da mobilidade: dinâmicas entre o rural e o urbano
Jaqueline da Silva Teixeira, Andréa Maria Narciso Rocha de Paula

geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 3-16.

PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de. Travessias – Movimentos migratórios em comunidades rurais no Sertão do Norte de Minas. 2009. 350 f. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 17-32.

SOUZA, Carla Nadinne. “O coração fica doendo, porque lá nasci e criei... mas tive que sair, o jeito foi sair”. A Desestruturação dos Modos de Vida e o Processo de Migração Forçada de Atingidos pela Mineração Riacho dos Machados – MRDM. 2020. 126 f. **Dissertação** (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2020.

SPANVELLO, Rosani Marisa; AZEVEDO, Letícia Fátima de; VARGAS, Letícia Paludo; MATTE, Alessandra. A migração juvenil e implicações

sucessórias na agricultura familiar. **Revista de Ciências Humanas**, v. 45, n. 2, p. 291-304, 2011.

TEIXEIRA, Jaqueline da Silva. “Pra lá e pra cá”: o sentido do lugar e do Migrar entre jovens rurais. 2020. 108 f. **Dissertação** (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2020.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia e meio ambiente. In: TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980. p. 106-128.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WOORTMANN, Klaas. Com parente não se negueia. O campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico**, v. 12, n. 1, p. 11-73, 1988.

WOORTMANN, Klaas. Migração, família e campesinato. **Revista Brasileira de Estudos de População**, p. 35-53, 1990.

Submetido em dezembro de 2019.

Revisado em março de 2021.

Aceito em junho de 2021.